

Encontro Nacional da APEVT

Educação Artística e Tecnológica, uma nova possibilidade de aprender

As competências nas Artes e na Tecnologia para promoção dos objetivos da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável
José Paiva

imagem 1 . início

agradecimento pelo convite . Direcção APEVT
cumprimento ao povo

estou velho, desculpem lá
sou o resultado dos amontados do tempo que nos compõem
das memórias, do realizado, dos sonhos e das desilusões.
Jovem, mas há tantos anos

convite para estar aqui . risco

imagem 2 . gravato dias

minha presença aqui pretende ser irreverente, não quero ser neutro

não pretendo divulgar e consagrar o que vou dizer
vou tentar deslocar-me de mim, do que poderia ser um discurso confortável
para o encontro com a fragilidade do que penso.
não afirmo
interrogo-me

imagem 3 . porta

memória . para me situar

faz tempo que fui aluno na Ramalho Ortigão, Trabalhos Manuais, 1962,...
faz tempo em que fui professor de Trabalhos Manuais, 1975,...
fiz estágio, na Ramalho Ortigão,...
estive nas lutas pela dignidade da disciplina, fundador da APTM

nenhuma dúvida me assiste sobre a luta pela importância do **fazer** na
aprendizagem, sobre a presença da **mão** na construção epistemológica do sujeito,
na presença do **corpo inteiro** na aprendizagem

imagem 4 . larrosa

como ganhei, nessa vida, confiança no enfrentar dos desafios,
como me construí na relação com os problemas que se me depararam,
a partir da aprendizagem do meu corpo,
do prolongar da mão para o instrumento, da saber a mão a mexer no cérebro,
do contacto real com as matérias primas,
do valor do trabalho, da cooperação,
da confiança no fazer.

imagem 5 . carneiro

inscreveram-me num painél complexo para mim:

**As competências nas Artes e na Tecnologia
para promoção dos objetivos da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável**

não me sinto confortável em inscrever a **Arte**, a **Tecnologia** e a **Acção Educativa** num enquadramento ideológico, que materializa o pensamento hegemónico deste mundo onde vivemos,
mesmo se o considerarmos como de pendor progressista

imagem 6 . campo de refugiados

porque nele, neste mundo, me sinto angustiado.

Sei que me tentam enganar com **cenouras** para esquecer o que nos rodeia.
Para mim, este mundo em que vivemos está distorcido.

imagem 7 . imagine

encaro a acção educativa como um processo que procura que os sujeitos se estabeleçam como críticos e mobilizados na procura de outros modos de se entender o futuro, não manietados na ilusão de que o 'sistema vigente' é promotor de

um novo modelo global para acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o ambiente e combater as alterações climáticas
quando o que assistimos, se quisermos entender o que se esconde e o que se apresenta é de natureza atroz. Querem exemplos...

imagem 8 . delacoix

onde param as palavras que guiavam os meus/comum sonhos

o amanhã sorridente

a paz necessária

a felicidade há mão

a 'liberdade, igualdade e fraternidade'

imagem 9 . cor

tanta mudança do século XIX até hoje

revolução industrial, revolução francesa, revolução americana. revolução tecnológica,
tanta esperança, tanta ilusão

imagem 10 . culpa

o que tivemos: guerras I GG, holocausto, bomba atómica, fome,
desalojados, napalm no vietname, iraque, afeganistão...

crise financeira, ganância financeira,...

que mundo é este onde estou? tanto **fracasso**

imagem 11 . augé

então pensemos, ousemos pensar sobre o que nos dizem, como se fosse natural,
indiscutível

pensemos sobre que nos habituamos a não questionar

procure-se entender a complexidade deste tempo, como ele se construiu

o medo no amanhã que transportamos

imagem 12 . picasso

17 objetivos com 169 metas

inquestionáveis. naturalmente

a questão que eu coloco é se no terreno de educação, a missão dos professores será a de confinar os jovens a uma ilusão, a uma disciplina de vida definida como 'a certa', a um estar ordeiro se nesta sociedade neo-liberal, globalizada, onde os interesses financeiros determinam as vidas, se queremos os jovens crédulos perante a ilusão de que está em marcha em nome de propagandeados valores supremos da humanidade, se queremos pacificar os jovens numa agenda alargada, ambiciosa, nas dimensões de um desenvolvimento sustentável, no plano social, económico e ambiental, que promove a paz, a justiça e instituições eficazes.

imagem 13 . goya

onde está esse caminho, na Síria? em Trump?, no Brasil de Temer?, em África? na Europa das desigualdades crescentes? nos refugiados e nos desalojados, ... Na vida de cada um dos jovens que está na nossa sala?

imagem 14 . beyonce

que espaço nos é permitido, numa sociedade onde a informação que nos é dada, pelos meios de comunicação social, pela internet e pelas redes sociais, nos mente e nos manipula a toda a hora, nos molda o gosto e nos fornece os próprios desejos

não se inscreverá a Agenda 2030 numa mistificação que nos congela a irreverência e nos ordena numa consciência social controlada e incómoda perante os interesses dominantes?

imagem 15 . quem te ensinou?

escola que somos

o que me preocupa, pensando na acção educativa

é o modo como inscrevemos nos jovens o modelo de como eles devem ser.

a capacidade que temos de os ordenar, disciplinar, dentro das narrativas

hegemónicas, do que deve ser, do que eles devem ser

como lhes moldamos o gosto, como lhes criámos medos e inibições

como ordenamos os seus comportamentos

imagem 16 . escola

como lhes barramos a possibilidade de serem eles próprios

de se encontrarem com o seu corpo, de ganharem confiança na sua

capacidade de fazer, de agir, de interferir

como nos irrita a diferença de comportamentos, o ruído e o silêncio

imagem 17 . professora

a escola que temos é pensada como um dispositivo ordenador, formatador de boa

gente, gente bem educada, acreditando na bondade das instituições, bons

consumidores, bons eleitores,...

imagem 18. cc

as metas, as autonomias, os programas, são instrumentos ordenadores, que fecham a educação artística, a educação visual e tecnológica num campo inócuo,

que não

fornece aos jovens a possibilidade de se construírem como sujeitos

que não lhes cria confiança, a partir do que cada um deles é

que não lhes fornece confiança para a sua capacidade latente de fazer, de

transformar

imagem 19. cc

meu interesse reside na possibilidade de nos afastarmos do misticismo de que a arte e a tecnologia são lugares de liberdade, positivos em si, e entender que este terrenos

da arte e da tecnologia

são lugares de complexidade, como os demais,

onde se instalam também as funções de alienação, de aculturação, de logro e de desejo.

Haja atenção à promoção de uma inovação cimentada em modelos de empreendedorismo, a criatividade avaliada em grelhas, o gosto singular emparedado no gosto dos mestres.

imagem 20. lygia pape

de novo na escola

a escola pode ser um lugar de encontro de cada jovem consigo próprio,
de entendimento de sua pertença ao comum,
de desenvolvimento das suas capacidades de entender e de agir
um espaço de desafio,

não um lugar onde se vai buscar o que se conhece
mas um lugar de procura
dos limites de cada um,
da sensibilidade, claro,
da compreensão,
essencialmente da confiança no enfrentamento do risco

Imagem 21. jovens

a escola é um espaço de interferência,
mas pode ser um lugar onde se permite aos jovens fugir às pressões que lhe
moldam o carácter, o corpo, o sonho,

Imagem 22 . molas

. Então? Por uma pedagogia desobediente

Podemos ser professores mas não os guias, podemos ser os companheiros
da aprendizagem e do crescimento
ousemos colocar em causa o que nos move, colocando em causa o que
com nossa acção causamos em cada um dos jovens com que lidamos.
o que vale o gosto de cada um de nós?

Imagem 23. exames

criemos desafios que se soltem das grelhas e das metas,
que encontrem cada um dos jovens em si
que estimulem a sua capacidade de fazer, de lidar com os materiais, os processos,
as técnicas
que lhes criem confiança na sua capacidade de agir
que lhes permitam desenvolver a relação que têm com o corpo
com as mãos, com os pares

Imagem 24. carrinhos

sabemos, nós professores, ouvir?
Tenho aprendido muito nas escolas, em Moçambique e em Cabo Verde, no Brasil

no sertão do Brasil, no nordeste, no terreno pobre e seco do sertão, numa pequena
comunidade, constituída por remanescentes de escravos, num Quilombo, obtive a
melhor aprendizagem do que se pode fazer em educação artística.

Imagem 25. cerâmica

viajei com a coragem de nos deslocarmos de nós próprios, para uma atitude de aprendizagem onde as nossas verdades e nossos saberes são enfraquecidos, lá, nessa comunidade pobre, não há artistas.

As professoras não têm nenhuma formação em arte.

Há pouca experiência em cerâmica utilitária, é raro o artesanato, a não ser umas bonecas feitas em caruá.

Imagem 26. sonho

Aí se ensaiaram experimentos artísticos, na cerâmica, na gravura, em vídeo, em desenho, tendo como centro a educação diferenciada das crianças e dos jovens, a partir de cada um, sem destaques e sem exposições de vaidades, num ambiente relacional partilhado pelo comum da comunidade.

Imagem 27. flores

Experimentações curriculares adisciplinares, sem professores especialistas, sem avaliação. É um caminho de desobediência aos programas feitos em Brasília.

É o assumir de uma autonomia de entrega ao crescimento dos jovens, a partir de si.

aí partilho uma possibilidade de integrar a educação artística, a aprendizagem da técnica, num movimento das escolas de intervenção na comunidade.

Pode ser?
obrigado